

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE PLANTAS MEDICINAIS COM IDOSAS BENZEDEIRAS E QUILOMBOLAS

José Carlos Pereira da Silva¹
Marcy Lins de Albuquerque Pinheiro Machado²

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo relatar sobre os saberes da comunidade de um quilombo, do estado de Alagoas, como eles usam e tratam as feridas ou lesões na pele e/ou outros agravos na comunidade dos quilombolas.

De acordo com o Caderno de Educação Popular em Saúde do Ministério de saúde a educação popular tem como estratégia política e metodológica permitir que se trabalhe na perspectiva da integralidade de saberes e de práticas, pois proporciona o encontro com outros espaços, com outros agentes e com tecnologias que se colocam a favor da vida, da dignidade e do respeito ao outro (BRASIL, 2007).

Trabalhar com a educação popular em saúde qualifica a relação entre os cidadãos, definidos constitucionalmente como sujeitos do direito à saúde, pois pauta-se na subjetividade inerente aos seres humanos.

Falar sobre o uso de ervas medicinais para as idosas benzedadeiras e quilombolas é algo desafiador sobretudo a tradição e a cultura dos chás, rezas e histórias vividas pelos quilombolas que permeia por gerações. Sabe-se que o governo federal aprovou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, por meio do Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006, a qual se constitui em parte essencial das políticas públicas de saúde, meio ambiente, desenvolvimento econômico e social como um dos elementos fundamentais de transversalidade na implementação de ações capazes de promover melhorias na qualidade de vida da população brasileira (BRASIL, 2006).

1 - Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU,

E-mail: carlospereira.iba@hotmail.com

2 - Orientadora, Enfermeira Especialista em Educação em Saúde ,

E-mail: marcy_pinheiro@hotmail.com

Sabe-se que plantas medicinais é uma espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos (OMS, 2003). Chama-se planta fresca aquela coletada no momento de uso e plantas. São cuidados que se utiliza para curar ou aliviar os sintomas das doenças, como um banho morno, uma bolsa de água quente, uma massagem, um medicamento, entre outras coisas (SCHENKEL, 2004).

A medicina popular ou prática de cura que oferece respostas concretas aos problemas de doenças do dia-a-dia. É realizada em diferentes circunstâncias e espaços (em casa, em agências religiosas de cura) e por várias pessoas (pais, tias, avós) ou por profissionais populares de cura (benzedeiras, médiuns, raizeiros, ervateiros, parteiras) (OLIVEIRA, 1985).

Ser benzedeira é um saber construído por mulheres que lidam sempre com a arte de rezar e benzer. A construção desse saber leva em conta as experiências e vivências ao longo de suas vidas até a presente maturidade.

A benção normalmente é feita sempre com três galhos de guiné, pinhão roxo, alecrim ou ramo verde, havendo também a indicação de banhos, chás e a utilização de outros tipos de cura dependendo do mal atribuído, como por exemplo, dor nos “quarto”, as vezes as benzedeiras usam fitas vermelhas em crianças ou animais para tirar o “mal olhado”.

Os chás e banhos de ervas medicinais também são, muitas vezes, receitados para feridas. Um emplasto com sumo folhas com sal é tiro e queda para as feridas; também pode-se tomar o sumo da erva que age como antiinflamatório nas feridas crônicas. O raizeiro, pessoa consagrada pelos quilombolas garante o conhecimento sobre o preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais.

Os produtos comercializados pelos raizeiros são cascas, raízes, folhas, frutos e sementes que armazenam no próprio local de trabalho, em caixas de papelão ou em sacos colocados no chão. Ele comercializa em sal casa e na barraca onde vendem as plantas, quando encerra o expediente, eles cobrem os produtos com uma lona de plástico e amarram, até o dia seguinte.

O presente trabalho tem como objetivo relatar o conhecimento da comunidade quilombola como campo simbólico propício para identificações e posicionamentos de seus

1 - Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU,

E-mail: carlospereira.iba@hotmail.com

2 - Orientadora, Enfermeira Especialista em Educação em Saúde ,

E-mail: marcy_pinheiro@hotmail.com

sujeitos, relacionando-os ao contexto histórico-cultural. A cultura quilombola, enquanto esfera social, permite aos indivíduos expressarem seus valores e princípios e vincularem-se de forma simbólica e afetiva.

Por ser um espaço de trocas e compartilhamento de conteúdo simbólico-afetivos, permite aos moradores que se sintam pertencentes a esse universo particular e se apropriem de valores e conteúdos inerentes à realidade vivida e história passada de sua comunidade. Os conteúdos simbólico-afetivos emergem dentro de maneira distinta para cada indivíduo, a partir de experiências sociais e pessoais, sendo carregados entre valor e afeto.

OBJETO DE ESTUDO

Tivemos como objeto de estudo para a realização deste trabalho, um grupo de pessoas idosas de uma comunidade quilombola do estado de Alagoas.

METODOLOGIA

Relato de experiência de uma oficina sobre ervas medicinais com os acadêmicos e profissionais da saúde em um Quilombo de Alagoas, no mês de Dezembro de 2018. A roda de conversa com a comunidade quilombola, ocorreu durante 4 horas, estando presente 14 idosas, onde 4 eram homens e 10 mulheres quilombolas e benzedadeiras, entre 59 e 82 anos de idade. A oficina ocorreu na forma de roda de conversa, expondo os conhecimentos empíricos e científicos em um diálogo rico em sabedoria e entrosamento. No meio da roda de conversa foram expostas algumas plantas medicinais para aprimorar a conversa.

RESULTADOS

Verificou-se que durante a roda de conversa com as benzedadeiras e quilombolas da comunidade sobre as ervas medicinais, que o poder da fé e a crença no tratamento de feridas e dores no quilombo por meio deles, a população presente disse respeitar e acreditar no poder

1 - Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU,

E-mail: carlospereira.iba@hotmail.com

2 - Orientadora, Enfermeira Especialista em Educação em Saúde ,

E-mail: marcy_pinheiro@hotmail.com

das plantas mesmo não possuindo nenhuma base científica. Surgiram alguns relatos sobre dores na cabeça, no joelho, nas costas, na barriga que não passavam com remédios do médico, mas ao chamarem a benzedeira da comunidade, por meio de rezas e dos chás e “pastinhas” feita com a planta socada no pilão, essas pessoas tinham suas dores amenizadas, outros relatos dos quilombolas foram que algumas feridas que demoraram a fechar com a medicação prescrita pelo médico, mas ao ser acompanhada pela benzedeira e o raizeiro, sua ferida fechou.

Outra mulher quilombola que afirmou ser diabética e a ferida que ela tinha no pé utilizou a pomada que o medico passou e não fechou, mas ao usar a poção feita pelo raizeiro ficou curada. Um senhor quilombola sofria de uma anemia que não tinha fim segundo ele, ao tomar à garrafada de jenipapo a anemia acabou. E assim seguiram diversos relatos positivos. Não foram encontrados nenhum dialogo negativo em torno da fé, da crença e das ervas medicinais prescritas pelo raizeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A roda de conversa com as quilombolas as benzedeira sobre as ervas medicinais utilizadas em feridas e o poder da fé e a crença de cada um mostrou a importância dos trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos e profissionais da saúde para a aproximação entre a academia, a medicina fitoterápica por meio do raizeiro, e o poder da fé segundo a benzedeira, estabelece interação de informações e aproximando realidades, baseadas na prática assistencial, sendo subsídio também para experiências práticas dos acadêmicos na promoção, fortalecimento, empoderamento e prevenção no uso das ervas medicinais pelo raizeiro, a benzedeira, a comunidade quilombolas nas feridas.

A relação com o passado, o vínculo com o território, as negociações com a com a comunidade que ali vivem circundante, são questões que envolvem a dinâmica de constituição identitária quilombola e que podem lançar luz aos estudos sobre os processos identitários e de subjetivação tão frequentemente restritos aos espaços urbanos e hegemônicos.

Palavras- chave: Curandeiros, Benzedeiras, Raizeiro, Ervas Mediciniais, Feridas.

1 - Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU,

E-mail: carlospereira.iba@hotmail.com

2 - Orientadora, Enfermeira Especialista em Educação em Saúde ,

E-mail: marcy_pinheiro@hotmail.com

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS:

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

OLIVEIRA, E.R.O. O que é medicina popular. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, n. 31, 1985.

SCHENKEL, G.P. Cuidados com os medicamentos. 4 ed. Santa Catarina: UFSC, 2004.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005. Ginebra, 2002. 67 p.

